

O MECANISMO COESIVO DENTRO DO PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO ENDOFÓRICO CATAFÓRICO

Elaine Cristina Casale Carmona, Edilaine Ferreira Noronha Melo

Faculdade Atenas Maranhense – Coordenação de Letras
Av. São Luis Rei de França – Turu – São Luis - MA
e-mail: laininha.casale@terra.com.br, edilainenoronha@terra.com.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as relações sintáticas entre as estruturas dos termos oracionais através dos mecanismos coesivos, em especial, os mecanismos de referenciação endofórico catafórico propostos pela lingüística textual. Em outras palavras, relaciona-se a lingüística textual com o sintagma tendo como apoio os mecanismos coesivos para uma melhor compreensão do texto. Neste trabalho, o processo de referenciação endofórico catafórico será mostrado através de alguns exemplos de anáfora e catáfora.

Palavras-chave: lingüística textual, referenciação, endofórico, catafórico

1 INTRODUÇÃO

A sintaxe tem como objeto de estudo todas as relações que ocorrem no eixo sintagmático da língua. Em relação à estrutura sintagmática, todo sintagma é a construção que resulta da articulação de pelo menos duas unidades lingüísticas em qualquer nível de análise, onde toda palavra pode ser um sintagma.

Um sintagma oracional é o resultado da combinação entre duas formas anteriores: um sujeito mais um predicado. O sintagma pode ser dividido em sintagma nominal, que tem como núcleo uma palavra substantiva; sintagma adjetival, tendo como base um adjetivo; e, um sintagma preposicionado que é formado de preposição mais sintagma nominal.

Diante das dificuldades encontradas pelos lingüistas em explicar o sentido através da palavra na frase, estudos desenvolvidos na área, constataram que o sentido só poderia ser completo a partir do texto por ser ele a forma específica de manifestação da linguagem, surgindo assim a lingüística textual. A partir dessa constatação a lingüística textual foi dividida em três grandes momentos: o da análise transfrástica, o da gramática de texto e o da construção das teorias de texto.

A análise transfrástica leva em consideração o fato de que entre frases há conectores, ou seja, uma frase faz co-referenciação a outra, considerando-se os fatos de que o conhecimento intuitivo do falante é necessário na construção do sentido do enunciado, fato que nem todo texto apresenta. No entanto, o fenômeno de co-referenciação foi abrindo espaço para uma outra linha de pesquisa que busca o sentido além das frases. Com isso, foram surgindo gramáticas textuais nas quais o texto constitui o objeto de estudo da lingüística textual. Durante esse período, postulava-se o texto como unidade teórica formalmente construída, em oposição ao discurso.

Contudo, apesar dos esforços dos lingüistas, as tarefas não conseguiram ser realizados a contento, fazendo com que os estudos fossem desfocados da construção de sentidos de um texto para a elaboração de uma teoria que investigasse todo o seu processo de elaboração.

Assim, neste terceiro momento, o texto em seu contexto pragmático ganha maior importância, ou seja, os estudiosos passam a investigar o texto no contexto em que ele está inserido, bem como todo o seu processo de criação, produção, recepção e interpretação. Com tudo isso, no final da década de 70, os estudiosos deixam a gramática textual de lado e passam a investigar a noção de textualidade. Devido a todas essas mudanças passou-se a compreender a lingüística de texto como algo interdisciplinar, dada as diferentes perspectivas que a abrange e dos interesses que a move.

Portanto, não se pode falar de texto sem abordar coerência e coesão. A coerência diz respeito ao modo como os interlocutores entendem que um texto tem sentido e a coesão é o modo como os elementos de um texto estão interligados.

Para cumprir seu objetivo este artigo está dividido da seguinte forma: a Seção 2 aborda o objeto, a estrutura e a função da morfologia e da sintaxe e do surgimento da morfossintaxe; a Subseção 2.1 mostra a relação sintática entre os constituintes da oração, ressaltando a classificação entre o período simples e composto em coordenação e subordinação; a Seção 3 fala da importância da coesão para o entendimento do texto; a Seção 4 aborda a coesão textual e o processo de referenciação com sua classificação; finalmente, a Seção 5 apresenta as conclusões do trabalho.

2 A RELAÇÃO SINTÁTICA: PRINCÍPIOS E FORMAS

A morfologia se dedica ao estudo da palavra, tomando-a como elemento isolado e completo em si mesmo, preocupando-se assim, com a estrutura e formação das palavras, suas flexões e sua classificação. Ao estudar a estrutura das palavras, penetra-se no seu íntimo, conhecendo as várias partes que formam um todo repleto de significado. Não é apenas memorizar alguns nomes, como morfema, lexema, e sim, conhecer a fundo uma palavra a ponto de decompô-la em vários segmentos, cada qual com sua significação dominando e explorando toda sua potencialidade.

Segundo Almeida (1999, p. 20), a morfologia faz o estudo da estrutura e formação de palavras. Morfologia (gr. *Morphê* = figura + *logia* = estudo) é a parte que estuda a palavra em si, quer no elemento material, isto é, quanto à forma, quer no elemento imaterial, ou seja, quanto à idéia que ela encerra.

Já a sintaxe irá se dedicar aos estudos das relações que as palavras estabelecem entre si quando se organizam em orações. A palavra sintaxe vem do grego *syntaxis*, que significa ordem, disposição, relação. A sintaxe é a parte da gramática que se preocupa com os padrões estruturais, com as relações recíprocas dos termos da oração nas frases, ou seja, de todas as relações que ocorrerem entre as unidades lingüísticas no eixo sintagmático, enquanto que a morfologia irá atuar no eixo paradigmático. A sintaxe procura detectar a maneira como as partes da linguagem se estruturam para formar os enunciados comunicativos.

São as leis sintáticas que irão promover, autorizar ou recusar determinadas construções, elegendo-as como pertencentes à língua portuguesa ou não pertencentes (Sautchuk, 2004, p. 35). A sintaxe pode ser dividida em termos essenciais, integrantes e acessórios, sendo estes subdivididos em:

- Termos essenciais: sujeito e predicado;
- Termos integrantes: objeto direto, objeto indireto, complemento nominal e agente da passiva;
- Termos acessórios: adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo

Como afirma Mario Barreto (apud Nicola; Infante, 1991, p. 70), será sempre imperfeita a classificação que se funde exclusivamente na forma ou na estrutura. Seguindo esse ponto de vista é que se viu a necessidade de se formular uma proposta que estudasse a forma e a estrutura juntas, surgindo daí a morfossintaxe.

De acordo com o dicionário Aurélio, Morfossintaxe [De morf.(o)- + sintaxe] é o estudo das categorias a partir de critérios extraídos da morfologia e da sintaxe. A morfologia e a sintaxe são áreas que estão entrelaçadas, não podendo ser aceitas como distintas uma da outra, mas na maioria das vezes são ensinadas como se fossem, ou seja, o primeiro passo é saber como é feita a formação das palavras para depois saber identificá-la em uma oração. A morfossintaxe vem com o intuito de apoiar o desenvolvimento da capacidade do aluno de expressar-se bem em sua língua materna.

2.1 A relação sintática entre os constituintes oracionais: os termos da oração e a oração complexa

Os elementos lingüísticos são importantes para que se concretize uma unidade significativa ou comunicativa. O texto pode ser organizado sob a forma de períodos, que podem ser simples ou compostos, apresentando respectivamente uma única oração ou mais de uma; apresenta também relações sintáticas entre suas orações constituintes. De acordo com Nicole e Infante (1991, p. 244), período simples é aquele constituído por apenas uma oração, que recebe o nome de oração absoluta. O período simples apresenta o verbo como elemento fundamental dessa construção.

Nas palavras de SAUTCHUK (2004, p.113), convém denominar período composto um conjunto de orações que pode organizar-se entre si de maneira mais ou menos dependente, contraindo-se entre elas relações de dependência sintática ou constituindo unidades apenas semanticamente dependentes. O período composto é aquele que possui frases que estão organizados com mais de uma oração. Nesse sentido, dependendo do modo como as orações se articulam formam-se períodos compostos por coordenação e subordinação.

Segundo Terra e Nicola (2004, p.283), o período composto por coordenação é formado exclusivamente por orações coordenadas:

Oração oração oração oração

Ex: Seu mecanismo interno suga/, aquece/, esteriliza/ e devolve o ar à atmosfera.

Período composto por subordinação é formado de oração principal e oração(ões) subordinada(s).

Oração Principal Oração Subordinada

Ex: Sentiu-se extremamente feliz/ quando terminou de construir seu invento.

Período composto por coordenação e subordinação (ou período misto) trata-se de um tipo de período no qual coexistem os dois processos sintáticos de relacionar orações.

Oração Subordinada O. P. O. S. Os. Cs.

Ex: Quando se inventa algo/, é preciso/ registrar a patente/; depois espere/, espere/ e reze.

Caracterizar um período em coordenado significa dizer que ele não possui relação de dependência em relação aos outros termos da oração. Por outro lado, dizer que ele é subordinado significa dizer que ele estabelece uma total dependência sintática e semântica em relação ao termo anterior para que o sentido constitutivo da oração seja alcançando.

Na oração principal, está à idéia central, a principal. Pode-se ainda classificar as subordinadas em: substantivas (exercem as funções próprias de um substantivo), adjetivas (exercem a função sintática de adjunto adnominal, própria do adjetivo) e adverbiais (exercem a função sintática de adjunto adverbial, própria do advérbio). O importante não é apenas classificar as orações de acordo com a conjunção presente na frase, e sim, expressar a idéia pretendida.

Como afirma Sautchuk (2004, p. 127), pode-se perceber que o importante não é apenas classificar a oração adverbial, ou qualquer outra, mas expressar por meio delas a idéia circunstancial, relevante ou complementar que temos em mente. Para organizarmos nosso pensamento por escrito, precisamos saber que tipo de conjunção ou de operadores lógicos dispõe a língua para expressá-lo adequada e eficientemente.

A função sintática que as orações subordinadas desempenham, pode ser exercida sob a forma reduzida, ou seja, quando se elimina os conectivos e coloca-se o verbo em uma das suas formas nominais (infinitivos, gerúndio e particípio). Quando se torna uma oração reduzida evita-se a repetição das conjunções.

Como constituinte obrigatório, toda oração deve apresentar necessariamente um sintagma verbal, o que não ocorre com o sujeito, elemento de natureza substantiva que não tem participação obrigatória como os demais elementos, pois o sujeito da oração por mais que se queira defini-lo, estará sujeito a falhas. Dentre vários motivos, considerá-lo como elemento essencial apresenta uma série de exceções, pois sabemos que existem inúmeros casos de oração sem sujeito. Ocorrem sérios riscos ao afirmar que o sujeito é o termo sobre o qual se afirma algo, assim como afirmar que o sujeito é aquele que pratica a ação expressa pelo verbo, pois nem sempre isso ocorre.

Corroborando com SAUTCHUK (2004), para encontrar o sujeito de uma oração deve-se transformá-la em uma pergunta hipotética, pois a resposta geralmente afirmativa indicará o sujeito. Nesse sentido, as orações se organizam obedecendo a um determinado padrão de construção, isto é, SVC (sujeito + verbo + complemento).

É comum classificar o sujeito oracional em simples, composto, oculto, indeterminado e inexistente. No entanto, percebe-se que essas nomenclaturas tornam-se desnecessárias, partindo do pressuposto de que não acrescentam nada de importante para o uso da língua. Mais importante do que classificar o tipo de sujeito presente na oração é compreender a frase no seu íntimo, na sua estrutura e formação, analisando a sua

importância no uso da língua como um todo significativo e comunicativo, e não apenas como um aspecto de classificação gramatical.

3 A SINTAXE DO TEXTO: OS PROCESSOS DE COESÃO TEXTUAL PROPOSTOS PELA LINGÜÍSTICA TEXTUAL

Uma das principais concepções de texto e uma das mais antigas é o entendimento de que ele é uma estrutura pronta e acabada, na qual os leitores apenas lêem, mas não interagem. O texto constitui então apenas um objeto de pesquisa. Com o passar do tempo, essa concepção foi se modificando e o texto passou a ser visto como um todo, um “tecido”, não apenas como produto, mas como uma atividade interacional.

Segundo Koch (apud Mussalim, 2004, p. 255), conceitua-se texto como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros na interação não apenas a apreensão de conteúdos semânticos em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

O texto é responsável pela interação sociocomunicativa entre as pessoas de uma mesma comunidade lingüística. É o que afirma Val (1999, p. 3), isto é, pode-se definir texto ou discurso como ocorrência lingüística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. Nesse âmbito, o texto é uma unidade de linguagem responsável pela atuação

O conceito de texto tem se desenvolvido com os avanços dos estudos lingüísticos. Há pouco mais de trinta anos, desde que o termo “lingüística do texto” foi empregado pela primeira vez pelo alemão Harald Weinrich, vários estudos têm sido feitos na investigação do papel do sujeito e da situação comunicativa na construção de sentidos de um texto. Na primeira geração de lingüistas vinculados a essa linha de pesquisa, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, propunha-se o texto como a unidade de análise dos estudos lingüísticos, constituindo essa atitude uma guinada no tratamento da língua.

A lingüística textual tem por finalidade a investigação do texto, sendo este considerado a unidade básica da manifestação da linguagem. O homem se comunica através de textos e existem diversos fenômenos lingüísticos que só podem ser explicados no interior do texto, com isso os estudiosos passaram a pesquisar quais os elementos ou fatores responsáveis pela textualidade.

De acordo com Schmidt (apud Azevedo, 2006), o texto não deve ser abordado meramente como fenômeno lingüístico, mas a partir de um modo de textualidade, onde essa textualidade tem uma dupla estrutura, isto é, uma estrutura a ser abordada tanto sob o enfoque do aspecto social, pois os textos funcionam como a realização lingüística da textualidade, como matrizes para as ocorrências coerentes dos elementos do sistema lingüístico.

Dentre os vários elementos ou fatores responsáveis pela textualidade o que será abordado neste trabalho é o mecanismo coesivo, sendo essa propriedade uma das fundamentais para o estabelecimento da textualidade, sendo que a mesma ocorre através da unidade semântico - sintático, que deve marcar a produção textual.

Halliday e Hasan (apud Azevedo 2006) apresentam o conceito de coesão textual, como um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como um texto. A coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente de outro. Um pressupõe o outro no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro. Sendo assim, a coesão é definida como um conjunto de estratégias de seqüências que são responsáveis pelas ligações lingüísticas relevantes entre os elementos articulados no texto. A coesão é obtida através da atividade do sistema léxico – gramatical.

Segundo Halliday e Hasan (apud Azevedo, 2006) existem cinco tipos de mecanismos de coesão textual, divididas de acordo com o modo como os itens lexicais e gramaticais estão relacionados com o texto e no texto:

- **A referência** são elementos da língua que não são interpretados por si mesmo, mas que remetem a outros para sua interpretação, podendo ser de referencia situacional (exofórica) e textual (endofórica);

- **A substituição** que ocorre com a colocação de um item no lugar de outro elemento do texto, e até mesmo de uma oração inteira;
- **A elipse** é a omissão de uma palavra, de um sintagma, uma oração ou todo um enunciado que pode ser recuperado pelo contexto;
- **A conjunção** apresenta elemento que permite estabelecer relações específicas entre elementos ou orações no texto, os elementos conjuntivos são coesivos não por si mesmos, mas indiretamente, em virtude das relações específicas que se estabelecem entre as orações, períodos e parágrafos;
- **A coesão lexical** que pode ser obtida por dois mecanismos: a reiteração que a coesão obtida por meio da repetição da mesma palavra através de sinônimos, hiperônimos e nomes genéricos e a colocação que é a coesão resultante do uso de termos do mesmo campo significativo.

Essa classificação dos cinco mecanismos coesivos não é unânime entre os estudiosos da área, mas independentemente do tipo de classificação todos tem por objetivo a função coesiva no texto, para com isso auxiliar e facilitar a interpretação do mesmo.

4 A CONSTRUÇÃO SINTÁTICA E O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO ENDOFÓRICA CATAFÓRICA

Conforme mencionado anteriormente, o texto deve satisfazer alguns critérios responsáveis pela textualidade, como a coesão que traz consigo cinco mecanismos coesivos, porém este artigo trata especificamente do processo de referenciação.

A coesão referencial é o relacionamento dos componentes textuais com outros constituintes do texto ou não, numa correspondência necessária à interpretação e expansão dos sentidos articulados. A referência, dependendo das relações que estabelece, pode ser denominada endofórica ou exofórica. A referência endofórica é a relação coesiva em que o referente se encontra no interior do texto enquanto que a exofórica é a relação que se estabelece entre o texto e os elementos externos a ele, recuperáveis através do contexto de situação.

A referência endofórica pode ser dividida em anafórica e catafórica. A anáfora ocorre quando o referente precede a forma referencial e a catáfora quando o referente sucede a forma referencial. Como afirma Martelotta (2008, p.196), os procedimentos de referenciação endofórica representam eficazes recursos de unidade e de sequenciamento semântico-sintático. Anáfora e catáfora constituem faces da mesma moeda, responsáveis, respectivamente, pela manutenção e expansão do fluxo textual no jogo que organiza progressivamente informações recorrentes, já conhecidas pelos interlocutores, e outras novas, mencionadas pela primeira vez no texto.

Como já citado, quando a referência endofórica se relaciona numa conexão com o item seguinte, chama-se catáfora, mesmo sendo menos freqüente do que os procedimentos anafóricos, os mecanismos catafóricos contribuem de modo considerável para a coesão textual.

De acordo com Koch (apud Halliday e Hasan, 2005, p.19), a referência pode ser dividida também em:

- **Referência pessoal**, feita por meio de pronomes pessoais e possessivos;
- **Referência demonstrativa**, realizada por meio de pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar;
- **Referência comparativa**, efetuada por via indireta por meio de identidades e similaridades.

Exemplos:

a) *Elaine e Fernanda são excelentes professoras. **Elas** se formaram na faculdade Fama.* - referência pessoal anafórica;

b) *Só desejo **isto**: que todos sejam felizes.* - referência demonstrativa catafórica

No primeiro exemplo, o pronome destacado “elas”, faz referência a um termo já expresso anteriormente. No segundo, o pronome destacado “isto”, antecipa o termo subsequente. Segundo Corrêa e Cunha a catáfora

pode ainda ser subdividida em pronominal e nominal. A catáfora pronominal é aquela que antecipa a introdução de uma informação nova no discurso através de um pronome. Por exemplo, "Há até seminário para discutir a arte, mas o que interessa a leigos e curiosos é a programação" (revista veja apud Corrêa e Cunha, 2005, p.153).

Como explica Corrêa e Cunha (2005), o pronome "o" não retoma nenhum termo anterior, ele anuncia um novo referente, criando-se uma rede coesiva entre este pronome, o pronome relativo "que" e a expressão nominal a programação. Já a catáfora nominal ocorre quando um nome antecipa o que vai ser dito no texto. Por exemplo:

A lingüística, ciência das línguas humanas, permite-nos interpretar melhor nossa relação com o mundo

O termo "a lingüística" vem antecipar uma idéia para ser explicada em seguida. A coesão referencial pode ser melhor entendida através do esquema apresentado na Figura 1 baseada em Koch (2005, p.19).

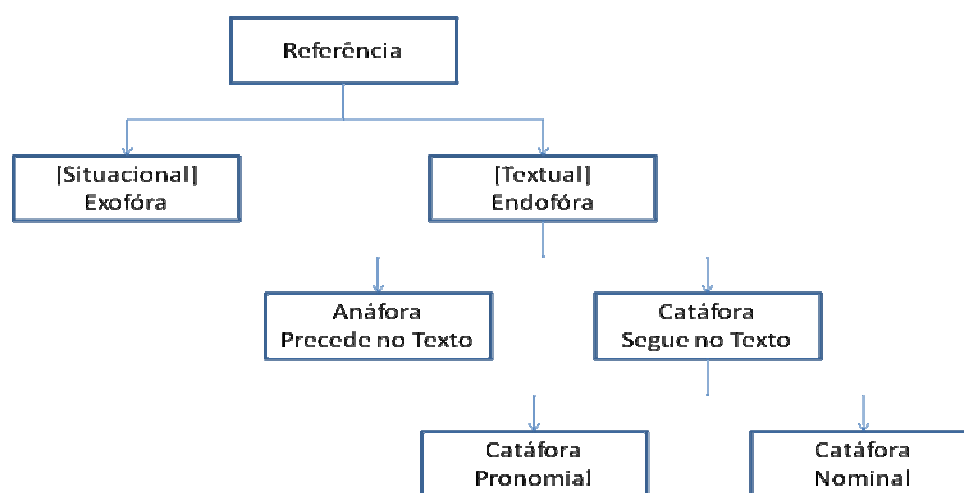


Figura 1 – Coesão Referencial

Toda essa divisão tem a função de facilitar e auxiliar a interpretação do texto para o leitor-receptor, devendo ser usada para melhor coesão textual.

5 CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo relacionar a lingüística textual com o sintagma, tendo como apoio os mecanismos coesivos para uma melhor compreensão do texto. A morfologia se dedica ao estudo da palavra, preocupando-se com a sua estrutura, formação e flexão. Conhecendo o sistema morfológico, o aluno será capaz de decompor a palavra com maior compreensão. Por outro lado, a sintaxe se dedica as relações que as palavras estabelecem entre si, levando em conta os termos da oração nas frases, formando enunciados comunicativos.

Percebe-se que a morfologia e a sintaxe são áreas ligadas e que quando ensinadas juntas, há uma maior compreensão do funcionamento da língua materna. Facilitando assim o estudo da mesma não apenas para os alunos, mas também para os professores, pois com uma maior compreensão da língua, desenvolve-se uma consciência crítica maior no leitor.

Nesse contexto surge a morfossintaxe, que vai estudar as relações estabelecidas entre a sintaxe e a morfologia no texto. Essas relações são estabelecidas pelos elementos lingüísticos para que o texto se torne uma unidade significativa e comunicativa.

Dessa forma, passa a existir o texto como fonte de interação sociocomunicativa e não mais como um simples objeto de pesquisa, surgindo assim a lingüística textual, cujo objetivo é investigar o texto como unidade de manifestação de linguagem. Mas, para que isso ocorra de forma eficiente é necessário que o texto seja coerente e coesivo, aspectos estes que são obtidos através dos processos de economia sintagmática que auxiliam e ajudam na construção do texto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática Metódica da Língua Portuguesa, Ed. 44. São Paulo, Editora Saraiva, 1999.

AZEVEDO, Karin Elizabeth Rees de. 2006. Fundamentos teóricos da lingüística textual. [Http://www.azar.azevedo.nom.br](http://www.azar.azevedo.nom.br). Acesso em 25/06/08.

CORRÊA, Angela M. S.;CUNHA, Tânia Reis.Da língua ao discurso: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Ed. Nova Fronteira. Rj.1988.

KOCH, Ingedore Villaça. A coesão textual. 20. Ed.São Paulo: contexto, 2005

Martelotta, Mário Eduardo (Org.). Manual de lingüística. São Paulo: Cornexto, 2004.

MUSSALIM, Anna Christina Bentes (Org.). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2004. v.1.

NICOLA,José de;INFANTE,Ulisses. Gramática contemporânea da língua portuguesa 7. ed. São Paulo:scipione: 1991.

SAUTCHUK, Inez. Prática de morfossintaxe: como é por que aprender análise (morfo)sintática. Barueri, SP: Manole, 2001.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. Português: de olho no mundo do trabalho. São Paulo: Scipione, 2004.

VAL, Maria da Graça Costa. Redação e textualidade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999..